

Memória, Patrimônio, Identidade e Turismo: o bairro da Lapa em Três Tempos

Memory, Heritage, Identity and Tourism: the Lapa neighborhood in Three Times

Memoria, patrimonio, identidad y turismo: el barrio de Lapa en Tres Tiempos

Vanessa Fernandes da Silva¹

Isabela de Fatima Fogaça²

Este artigo foi recebido em 31 de AGOSTO de 2019 e aprovado em 30 de OUTUBRO de 2019

Resumo: Música é um elemento capaz de provocar sensações e reflexões, articulando-se nos mais variados contextos. Podemos considerar como um importante elemento para a construção da cultura de um grupo ou lugar, pois, propicia a formação de referências e representações culturais de tal grupo ou lugar, sendo, também, um meio de registro de suas memórias e disseminação, das mesmas. Nesse sentido, propõem-se aqui analisar a capacidade da música em registrar e evidenciar aspectos culturais relacionados às memórias e aos bens culturais do bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, que contribuem, em parte, para a criação de sua identidade e para sua atratividade turística. Assim, buscou-se, por meio da análise textual, ou seja, análise das canções, “Lapa em Três Tempos”, samba enredo da Escola de Samba Portela em 1971 e “Eu Vou Pra Lapa” interpretada pela cantora Alcione, tratar de aspectos culturais do bairro que reativam ou forjam memórias, sua conservação, proteção e uso fruto por fenômenos contemporâneos como o turismo.

Palavras-chave: identidade; Lapa; Memória; Música; Turismo.

Abstract: Music is an element capable of provoking sensations and reflections, articulating itself in the most varied contexts. We can consider it as an important element for the construction of the culture of a group or place, because it provides the formation of references and cultural representations of such group or place, being also a means of recording their memories and their dissemination. In this sense, we propose to analyze the capacity of music to record and highlight cultural aspects related to memories and cultural goods of the Lapa neighborhood, in the city of Rio de Janeiro, which contribute in part to the creation of their identity and their tourist attractiveness. Thus, we sought through textual analysis, that is, analysis of the songs, “Lapa em Três Tempos”, samba plot of the Portela Samba School in 1971 and “Eu Vou Pra Lapa” interpreted by the singer Alcione, discuss cultural aspects of the neighborhood that activate or forge memories, their conservation, protection and use fruit by contemporary phenomena such as tourism.

Key words: Identity; Lapa; Memory; Music; Tourism

Resumen: La música es un elemento capaz de provocar sensaciones y reflexiones, articulándose en los más variados contextos. Podemos considerarlo como un elemento importante para la construcción de la cultura de un grupo o lugar, ya que proporciona la formación de referencias y representaciones culturales de dicho grupo o lugar, siendo también un medio para registrar sus recuerdos y su difusión. En este sentido, proponemos analizar la capacidad de la música para grabar y resaltar aspectos culturales relacionados con los recuerdos y bienes culturales del barrio de Lapa, en la ciudad de Río de Janeiro, que contribuyen en parte a la creación de su identidad y su atractivo turístico. Por lo tanto, se buscó a través del análisis textual, es decir, el análisis de las canciones, "Lapa em Três Tempos", trama de samba de la Escuela de Samba Portela en 1971 y "Eu Vou Pra Lapa" interpretada por el cantante Alcione, que trata de aspectos culturales del barrio que reactiva o forja recuerdos, su conservación, protección y uso de frutos por fenómenos contemporâneos como el turismo.

Palabras Clave: Identidad; Lapa; Memoria; Música; Turismo

¹Informações do autor:

Formação/curso: Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade. **Instituição:** Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu – RJ, Brasil **E-mail:** vanessafs.lab@gmail.com

²Informações do autor:

Formação/curso: Doutora em Geografia - Organização do Espaço. **Instituição:** Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro – SP, Brasil. **E-mail:** isafog@hotmail.com

1.Introdução

A música pode desempenhar múltiplas funções, intencionalmente ou não. Uma de suas possíveis funções apresenta a perspectiva de articulação de diferentes contextos, que podem ir desde a estimulação da emoção individual, que remeta ao ouvinte algo particular, até seu aspecto coletivo, músicas compartilhadas e consideradas características de um lugar e/ou grupo. Este último aspecto, social e coletivo, é o que nos interessa neste artigo.

Pensando em seu aspecto social, podemos, a partir das letras de canções, identificar alguns dos aspectos culturais do bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, Brasil. Com isso, pode-se verificar a potencialidade da música enquanto uma forma de registro, capaz de exaltar aspectos emocionais, simbólicos, de representação, entre outros, ou seja elementos importantes para a construção da identidade cultural do lugar, uma vez que, ao evocarem determinadas memórias, relatos e suas construções, antigas e históricas, a letra nos proporciona uma percepção da caracterização do bairro.

Assim, levando em consideração a potencialidade da música em se articular com diversas áreas e aspectos socioantropológicos e socioespaciais, tem-se como objetivo analisar a música como elemento capaz de atuar como registro que evidencia aspectos culturais relacionados às memórias do bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, e a contribuição para a criação de sua identidade e atratividade turística.

Para tal, foi selecionada a canção “Lapa em Três Tempos”, samba-enredo da Portela, de 1971, e, também, “Eu Vou Pra Lapa”, canção interpretada pela cantora Alcione, como principais instrumentos de análise para tratar de aspectos culturais do bairro, que reativam ou forjam memórias, sua conservação, proteção e uso fruto por fenômenos contemporâneos, como o turismo. Serviu-se também da pesquisa bibliográfica em obras que discutem alguns temas, tais como memória, patrimônio, lugar, música, turismo.

As letras das músicas promovem uma percepção do bairro da Lapa, enquanto um lugar importante para a cultura e o imaginário da cidade do Rio de Janeiro, pois, além de sua relação com o Choro e o Samba, que são dois bens culturais de sua população, o bairro, também, é espaço para uma diversidade de gêneros musicais, conserva parte da história da cidade por meio de suas construções, que remetem ao “Rio antigo”, evidenciando parte de suas memórias, além de exaltar uma de suas principais referências, a boêmia.

2. Notas sobre a música enquanto patrimônio cultural e sua função social

Ao tratar de música, versa-se sobre algo imaterial e/ou intangível. E, por ter essa característica, pode-se relacioná-la com as emoções, as sensações, e, também, seus simbolismos, representada e entendida em diferentes prismas, que variam de acordo com determinada cultura, incluindo sua integração com o patrimônio cultural material e imaterial.

De acordo com o artigo 2º da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), realizada, em 2003, em Paris, o patrimônio imaterial ou intangível pode ser entendido como

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003, p. 5).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2019b, *site*) define o patrimônio cultural imaterial como sendo “[...]práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)”. Assim, pode-se perceber que a música é um importante elemento para a construção e continuação de uma cultura, e sua conservação permite que seja passada para outras gerações saberes, contextos, histórias de determinado grupo, contribuindo para a manutenção de sua memória.

Sant’Anna (2003) discorre sobre alguns aspectos a respeito do patrimônio imaterial e do seu processo de valorização, refletindo sobre as transformações no processo de reconhecimento da identificação da imaterialidade, uma vez que, durante muito tempo, não se tinha políticas para a conservação desse patrimônio peculiar e tão significativo para a memória de um lugar e grupo social. “Preservar a memória de fatos, pessoas ou ideias, por meio de construtos que as comemoram, narram ou representam, é uma prática que diz respeito a todos as sociedades humanas” (SANT’ANNA, 2003, p. 49), sendo assim, registrar essas manifestações culturais é importante para sua preservação e, conseqüentemente, sua continuidade.

Fonseca (2003, p.69), também apresenta um histórico do desenvolvimento e ampliação do conceito de patrimônio cultural a partir de uma reflexão sobre a função do patrimônio, destacando seu

entendimento a partir da Constituição de 1988, que passou a entendê-lo para além dos monumentos, tais como construções e edifícios, mas em sua relação sociedade-cultura, pois tais elementos e aspectos também constroem referências e sentidos para a sociedade, o que inclui a música.

De acordo com Nogueira (2003, p.01), “[...]a presença da música na vida dos seres humanos é incontestável. Ela tem acompanhado a história da humanidade, ao longo dos tempos, exercendo as mais diferentes funções”. A música é um elemento que nos permite reconhecer e caracterizar determinados lugares, a partir de gêneros musicais predominantes que evidenciam sua cultura e sua identidade. Tomando, como exemplo, o Samba do Rio de Janeiro, registrado em 2007, pelo IPHAN, como uma das representações da cidade, integrando assim o samba de terreiro; partido-alto; e, samba-enredo³ no Livro de Registro das Formas de Expressão.

O samba do Rio de Janeiro contribui para a integração social das camadas mais pobres. Tornou-se um meio de expressão de anseios pessoais e sociais, um elemento fundamental da identidade nacional e uma ferramenta de coesão, ajudando a derrubar barreiras e eliminar preconceitos. Incentivar a prática do samba é também uma maneira de minimizar as diferenças sociais. (IPHAN, 2019c, site)

Cabe destacar, que o Samba, embora muito vinculado à cidade do Rio de Janeiro, tornou-se não apenas uma representação do carioca ou do fluminense, mas tomou uma proporção nacional, ou seja, o gênero também é visto e reconhecido como um dos representantes da cultura do Brasil. Aspecto que nos remete a Ortiz (2008, p.140), ao afirmar que pela interpretação de seus intelectuais, o Estado “[...] se apropria das práticas populares para apresentá-las como expressões da cultura nacional”.

³ “Essas matrizes referenciais do samba no Rio de Janeiro distinguem-se de outros subgêneros de samba criados posteriormente e guardam relação direta com os padrões de sociabilidade de onde emergem. Há autoria individual, porém a performance é necessariamente coletiva e se funda em comunidades situadas em áreas populares da cidade do Rio de Janeiro. O improviso é outro aspecto importante dessa dimensão coletiva e ainda se encontra bastante enraizado na prática amadora ou comunitária dessas formas de expressão – está vivo e presente nos quintais dos subúrbios, nas rodas de samba e terreiros dos morros e bairros populares da cidade. O samba de partido alto, o samba de terreiro e o samba-enredo são expressões cultivadas há mais de 90 anos por essas comunidades. Não são simplesmente gêneros musicais, mas formas de expressão, modos de socialização e referenciais de pertencimento. São também referências culturais relevantes no panorama da música produzida no Brasil. ... A partir da estruturação progressiva das escolas de samba, no final da década de 1920, criou-se o samba-enredo, aquele em que o compositor elabora os seus versos para apresentação no desfile. Ao longo do tempo, ele adquiriu características próprias, como a capacidade narrativa de descrever, de maneira melódica e poética, uma “história” – o enredo – que se desenrola durante o desfile. De sua animação e cadência depende todo o conjunto da agremiação, em termos de evolução e envolvimento harmônico. O samba-enredo agrega características dos dois primeiros subgêneros descritos, como, por exemplo, a presença marcante do refrão e a inclusão, quase sempre nas entrelinhas, de experiências e sentimentos dos sambistas, desafiando a fria objetividade de alguns enredos” (IPHAN, 2019c, *site*).

Ao pensar sobre as funções que podem ser desempenhadas pela música, sobretudo sobre seu aspecto social, o sociólogo Allan Merriam (1964) apresenta dez funções para a música, funções não necessariamente intencionais.

Segundo o autor, expressão emocional; prazer estético; divertimento; entretenimento; comunicação; representação simbólica; reação física; impor conformidades às normas sociais; validação das instituições sociais e dos rituais; continuidade e estabilidade da cultura são funções de contribuição para a integração da música com a sociedade. De acordo com Merriam (1964, p.27 – tradução nossa)

A música é um fenômeno exclusivamente humano que existe apenas em termos de interação social; que é feito por pessoas para outras pessoas, e é um comportamento aprendido. Não existe e não pode existir por, de e para si; sempre deve haver seres humanos fazendo algo para produzi-lo. Em suma, a música não pode ser definida apenas como um fenômeno do som, pois envolve o comportamento de indivíduos e grupos de indivíduos, e sua organização particular exige a concordância social de pessoas que decidem o que pode e o que não pode ser.

A partir dos apontamentos de Merriam (1964), pode-se compreender que a música está para além do som e das emoções e sensações que podem produzir ao ser ouvida, mas, também, seu aspecto social, estimula a conformação da identidade cultural de um lugar e/ou grupo, suas memórias e referências culturais e podem estimular fenômenos contemporâneos como o turismo.

Ao refletirmos sobre algumas das funções da música, podemos destacar a de “comunicação”, pois a música tem a capacidade de “comunicar algo”. Para o autor, o idioma é um fator importante para que se compreenda o que está sendo comunicado, e afirma que a música está “[...]moldada nos termos da cultura da qual ela faz parte” (MERRIAM, 1964, p. 223). Temos, ainda, a função “Simbólica”, que “[...] pode cumprir essa função por suas letras, por emoções que sugere ou pela fusão dos vários elementos que a compõem.” (MERRIAM, 1964, p. 223), ou seja, nos permite identificar valores, crenças, características, aspectos culturais de determinado lugar e/ou grupo social, etc, contribuindo para sua difusão.

Ao tomar como exemplo, a função “continuidade e estabilidade da cultura”, segundo o autor, tal função está relacionada a capacidade da música de promover e exaltar determinados elementos culturais e identitários, contribuindo assim para sua continuidade, uma vez que é passada de geração a geração (MERRIAM, 1964).

Ao pensar o turismo inserido nesse contexto, como um fenômeno socioespacial e sociocultural, pode-se destacar as funções divertimento e entretenimento trabalhadas por Merriam (1964), uma aspiração da sociedade contemporânea, que no caso da Lapa, correlaciona-se ao imaginário “Lapa”, que será discutido a seguir, e a busca desse espaço para a prática do lazer em seu tempo de ócio e/ou

turismo em que se combina música com dança e espaços de alimentação, manifestações artístico culturais, encontros, etc. Tais funções iluminam a análise aqui pretendida a partir de letras de canções que têm como tema a Lapa ou transita no universo aqui analisado.

3.A Lapa em três tempos

Reily (2014, p.1) apresenta que “[...]algum aspecto da canção pode também nos remeter a passados bastante distantes das nossas experiências imediatas, como o tempo dos antepassados ou o tempo mítico dos deuses[...]”, assim, a fim de compreender a letra da música enquanto um elemento capaz de evocar memórias e reforçar “identidades culturais” do bairro da Lapa, foi selecionado o samba-enredo, da Escola de Samba Portela, do ano de 1971, “Lapa em Três Tempos”, como um instrumento de análise, uma vez que nos proporciona possíveis interpretações, entre as quais busca-se destacar a relação da memória e patrimônio cultural.

Resumidamente, a letra conta a história do bairro, localizado na zona central da cidade do Rio de Janeiro, hoje, conhecido e reconhecido, pelo aspecto da boemia, e por ser um lugar onde se oferta lazer, entretenimento e serviços culturais. Entretanto, essas características, que hoje são suas principais referências, nem sempre fizeram parte do bairro, sobretudo em sua construção e/ou “origem”, o que se evidencia pela análise da canção.

Pensando sobre as transformações e mudanças que ocorreram no bairro ao longo dos tempos, o samba-enredo nos aponta três momentos distintos pelos quais o bairro passou, e, cada “tempo”, nos conta um pouco sobre alguns elementos culturais, históricos e sobre memórias do lugar.

Lapa em três tempos
Abre a janela formosa mulher
Cantava o poeta trovador
Abre a janela formosa mulher
Da velha Lapa que passou

Vem dos Vice-Reis
E dos tempos do Brasil Imperial
Através de tradições
Até a República atual
Os grandes mestres do passado
Dedicaram obras de grande valor
A Lapa de hoje
À Lapa de outrora (bis)
Que revivemos agora
As serestas
Quantas saudades nos traz
Os cabarés e as festas

Emolduradas pelos lampiões a gás
As sociedades e os cordões
Dos antigos carnavais
Olha a roda de malandro
Quero ver quem vai cair (bis)

Poeira oi, poeira
O samba vai levantar poeira (bis)
Imagem do Rio Antigo
Berço de grandes vultos da história
A moderna arquitetura lhe renova a toda hora
Mas os famosos arcos
Os belos mosteiros
São relíquias deste bairro
Que foi o berço de boêmios seresteiros (CAVACO; RUBENS, 1971)

Nos versos “Vem dos Vice-Reis/ E dos tempos do Brasil Imperial”, verifica-se a memória da “origem” do bairro, que lhe confere uma espécie de origem nobre, como expõe Boas (2012, p.07), “A origem da Lapa se deu, sobretudo com a vinda da Corte Portuguesa, no início do século XIX, com a construção de casas abastadas nas imediações do centro consolidado da cidade”. Ainda sobre a origem do bairro, Gill (2008, p.99) aponta que

[...] no século XIX, era uma área urbana valorizada e habitada por uma pequena burguesia local (médicos, jornalistas e comerciantes). E que o bairro teve seu surgimento em 1751, em torno de um Seminário e de uma Capela em louvor a Nossa Senhora.

A transformação, de bairro de residencial para bairro misto de residencial e comercial, “boêmio”, começou a partir da mudança dessas famílias, e de boa parte dos seus moradores, para outros locais da cidade. Outros moradores e frequentadores começam a surgir e ocupar a área deixada pela “burguesia”, dando novas características para o local e desenvolvendo uma nova “identidade” para o bairro.

Sobre a questão acima apresentada, Martins e Oliveira (2008, p.10) destacam que

As famílias mais abastadas e os personagens ilustres residentes trocaram a Lapa e outras localidades da área central por outros bairros da Zona Sul ou pela Tijuca e arredores na Zona Norte. As casas de famílias começaram a se misturar as muitas ‘pensões’, cortiços, casas de cômodo e casas de lazer barato que iam surgindo.

Assim, o samba-enredo conta a história do bairro resumidamente, começando por sua origem, que seria o primeiro tempo. Já o segundo tempo, refere-se a Lapa da boêmia, seu momento mais famoso e que, na contemporaneidade, alimenta seu imaginário turístico, de local de diversão e entretenimento, característica que pode ser considerada a mais evidente quando se fala sobre o bairro.

Tem-se nesse momento, “Os cabarés e as festas/ Emolduradas pelos lampiões a gás/ As sociedades e os cordões/ Dos antigos carnavais[...]” que nos apresenta a Lapa, em seus melhores momentos, de acordo com seus compositores, uma vez que o bairro passou por diversas transformações e, também, por abandonos, mas essa Lapa, que é cantada nos versos, denota um saudosismo e memórias de décadas passadas.

A partir da transição do século XIX para o século XX, a Lapa “[...]deixa de abrigar famílias tradicionais, abastadas ou não, e passa a ser conhecida pelos cabarés, prostíbulos, bares, por suas prostitutas, travestis e boêmios que se tornaram, nos tempos atuais, outra vez a tradição do bairro” (CASCO, 2007, p. 75).

Aos poucos, a identidade boêmia da Lapa foi ganhando mais visibilidade. Além dos frequentadores que buscavam diversão e entretenimento, existiam também os “moradores ilustres” que davam outros tipos de conteúdo para o local. Essa perspectiva fica evidente no que apresenta Boas (2012, p.07) quando afirma que

A Lapa se tornou refúgio de boemia, jogatina e de prazer para aqueles que frequentavam o centro político e cultural do então Distrito Federal. A região recebia poetas, músicos, artistas e políticos, que frequentavam, residiam e que conviviam em perfeita harmonia com malandros, prostitutas e pobres que lá estavam.

A característica e imagem da boemia se difundiram de maneira tão massiva e contundente, que, mesmo dos dias atuais, dificilmente se fala da Lapa sem relacioná-la com este aspecto que começou a ser construído outrora e que são tão valorizadas por setores como o turismo.

Portanto, ainda que o bairro tenha passado por outras fases - apresentar configurações diferentes, como as de sua origem, atrelada à nobreza; ter sido bairro residencial de famílias ligadas à Coroa; e ser marcada por ter “abrigado”, não só os artistas e personagens de diferentes segmentos, mas, também, lugar onde a política teve seu espaço, uma vez que, até 1961, a capital federal era o Rio de Janeiro e ali foi local de encontro e hospedagem de muitos políticos e pessoas com interesses políticos - o que mais se evidencia, é sua identidade boêmia e de reduto cultural, do Choro, do Samba, que mais predominam.

Ao longo dos anos, a Lapa passou por diversas transformações, uma delas a partir do Corredor Cultural, uma lei de 1984, ampliada em 1987, que consistia em promover transformações no Centro do Rio de Janeiro, a fim de recuperar determinadas áreas e lhes dar fins culturais, contando também com a patrimonialização de seus bens.

Esse projeto envolveu interesses culturais diversificados, na tentativa de integrar as ações e políticas públicas urbanas e culturais, reunindo profissionais com diferentes formações, que resultou na ambientação do centro histórico, na valorização do

patrimônio artístico e arquitetônico da cidade, e na transformação desta região em cenário para inúmeros espetáculos cênicos e teatrais (CARDOSO, 2005, p. 48).

Voltando a análise da canção, entra-se no terceiro tempo caracterizado pela letra, “Imagem do Rio Antigo/ Berço de grandes vultos da história/ A moderna arquitetura lhe renova a toda hora/ Mas os famosos arcos/ Os belos mosteiros/ São relíquias deste bairro/ Que foi o berço de boêmios seresteiros”, em que se percebe uma espécie de resumo, ou seja, fragmentos dos três tempos que se unem na Lapa de hoje. Invoca-se a memória de um Rio de Janeiro e da Lapa de outrora, a memória referente à boêmia e o quanto elas contribuíram para que a Lapa contemporânea seja, ainda, reconhecida por essas memórias, pela sua arquitetura antiga e por seu espírito boêmio, que a transforma no, agora, bairro cartão postal turístico, local de diversão.

Nesse contexto, pode-se pensar sob a perspectiva das Cartas Patrimoniais e fazer algumas interações com a letra e, conseqüentemente, com o patrimônio, especialmente, com a Declaração de Québec (1976) que traz a concepção de “espírito do lugar”, que se dá a partir da relação dos bens materiais e imateriais que acabam por criar um espírito particular para cada lugar. Esta carta foi elaborada no encontro que aconteceu em 2008, no Canadá, sobre a preservação do “*Spiritu loci*”, na qual recomenda-se a preservação do espírito do lugar.

[...] o espírito do lugar é composto por elementos tangíveis (sítios, edifícios, paisagens, rotas, objetos) bem como de intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, festivais, comemorações, rituais, conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores, etc.) e que todos dão uma contribuição importante para formar o lugar e lhe conferir um espírito... (ICOMOS, 2008, p. 02-03).

Nessa perspectiva, a partir do trecho “A Lapa de hoje/ À Lapa de outrora/ Que revivemos agora”, verifica-se que, mesmo com a passagem do tempo, as memórias, tanto cristalizadas nas construções antigas do bairro quanto em seu espírito boêmio, ainda permanecem, porém, transformadas. A boêmia que se tem hoje, não exatamente como a de outrora, conserva a ideia da Lapa como lugar de vida noturna, diversão e música, além disso, as construções foram ressignificadas e receberam novas funções e usos, como o uso turístico. Com isso, pode-se dialogar com Abreu (2016, p.50) que reflete que a memória, “[...]ao iluminar alguns elementos e apagar outros, é capaz de produzir um sentimento novo, e não apenas fazer reviver o passado como fetiche. Desse modo, ela estaria muito mais próxima da criação do que da repetição”.

Ainda sobre a perspectiva da “Lapa de hoje”, podemos identificar a partir da letra da canção interpretada por Alcione “Eu vou pra Lapa”, composta por Guimarães e Meriti, no final dos anos 2000.

É ela a dama da noite
Com muitos Janeiros no Rio
A plebe, a elite
Um convite a quem ta de role
Reduto de bambas, poetas, malandros
Boêmios, vadios
Tão considerada e na sua parada
Não pára mané
É ela
É ela a dama da noite
Com muitos Janeiros no Rio
A plebe, a elite
Um convite a quem ta de role
Reduto de bambas, poetas, malandros
Boêmios, vadios
Tão considerada e na sua parada
Não pára mané
E toda vez que a noite cai
A luz se acende e uma vontade me arrebatava
Eu vou pra lá
Eu vou pra Lapa
Aos pés de Santa Tereza
A um passo da Glória
Eu vou pra Lapa
Porque Lapa tem história
Aos pés de Santa Tereza
A um passo da Glória
Eu vou pra Lapa
Porque Lapa tem história
É a velha Lapa dos arcos do Centro
Do circo, do nobre Capela
A dama da noite, Carioca da Gema
Da Riachuelo e da Mem de Sá
É a nova Lapa das tribos do raps
Dos bits, dos hits e do tamborzão
De um Bar Brasil
Seu bonde é ruim de segurar
E toda vez que a noite cai
A luz se acende e uma vontade me arrebatava
Eu vou pra lá
Eu vou pra Lapa
Aos pés de Santa Tereza
A um passo da Glória
Eu vou pra Lapa
Porque Lapa tem história
Aos pés de Santa Tereza
A um passo da Glória
Eu vou pra Lapa
Porque Lapa tem história
Vamo nessa, juntinha
E toda vez que a noite cai
A luz se acende e uma vontade me arrebatava
Eu vou pra lá
Eu vou pra Lapa

Aos pés de Santa Tereza
A um passo da Glória
Eu vou pra Lapa
Porque Lapa tem história
Aos pés de Santa Tereza
A um passo da Glória
Eu vou pra Lapa
Porque Lapa tem história
É a velha Lapa dos arcos do Centro
Do circo, do nobre Capela
A dama da noite, Carioca da Gema
Da Riachuelo e da Mem de Sá
É a nova Lapa das tribos do raps
Dos bits, dos hits e do tamborzão
De um Bar Brasil
Seu bonde é ruim de segurar (GUIMARÃES; MERITI, 2009)

Nesse sentido, podemos perceber, diante da letra, uma relação do passado com o presente, a partir das memórias expressas. Além disso, a canção reforça a identidade cultural do bairro, sobretudo a da boêmia e promove dentro dos “moldes” contemporâneos, sua continuação. A presença de elementos do passado, como a arquitetura antiga do bairro e seu, ainda, presente “espírito” boêmio, leva-nos a refletir sobre a continuação, a manutenção e a difusão de elementos que constituem para a identidade cultural e algumas memórias do bairro.

De acordo com Pollak (1992, p.204)

[...]a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa, de um grupo em sua reconstrução de si.

Na primeira estrofe da letra da canção interpretada por Alcione, já é possível identificar elementos que constroem a imagem da Lapa, sugerindo um lugar de ponto de encontro para a diversão, a música e a socialização, proposto pelo aspecto “democrático” no trecho “Com muitos Janeiros no Rio/ A plebe, a elite”. Ou seja, um lugar onde pessoas de diferentes locais se encontram e interagem, além de propor uma diversidade cultural que permite com que se tenha a ideia de que todos os públicos e gostos serão atendidos

Sobre essa característica de ser um lugar democrático, quanto a música e ao público que frequenta e visita o bairro, Guimarães (2013, p.58), ao contar sobre a trajetória do “Circo Voador”, hoje umas das principais referências culturais e atrativos turísticos do bairro, destaca que, nos anos de 1980, um dos fatores que contribuíram para a sua escolha do bairro para instalação da casa, foi a facilidade do

acesso, podendo receber pessoas de várias partes da cidade e também turistas, o que possibilitou uma “nova identidade” ao bairro.

Assim, diante do que foi exposto, é possível refletir sobre a potência da boêmia, enquanto uma representação que atrai tanto moradores, que desejam desfrutar desse universo simbólico, como espaço de cultura, entretenimento e diversão, quanto turistas, ávidos por experiências memoráveis. A Lapa passou por diferentes momentos e transformações, o que geraram diversas memórias, porém, a memória relacionada a vida noturna, regada a diversão, música e bebida, recebeu maior destaque e se perpetuou, sendo destaque em projetos contemporâneos, mais relacionados ao *marketing urbano* e a fenômenos como o turismo.

Sobre representação, Sanchez (2001) aponta que

As representações são também carregadas de intencionalidade: visão a produção de efeitos na realidade social. Assim, a construção de imagens opera necessariamente com sínteses, seletivas e parciais, que dão relevância a alguns aspectos e omitem outros, respondendo ao universo especial de interesses dos sujeitos que a constroem e aos objetivos que pretendem (SÁNCHEZ, 2001, p. 31).

Ao retomar o Corredor Cultural, pode-se verificar que a ideia da Lapa boêmia foi levada em consideração quando surgiu o intuito de valorizar o patrimônio cultural presente no bairro, que, até então, assim como em outras áreas do centro do Rio de Janeiro, passava por um estado de abandono. O projeto de revitalização urbana “[...]trouxe à tona novamente a necessidade de entendimento das diversidades culturais da Lapa” (COSTA; MENDONÇA; MELLO; 2017). Com isso, não se objetivou apenas a conservação do bairro, seus aspectos culturais e históricos, mas sua ressignificação, enquanto um lugar onde se pode consumir cultura, lazer, entretenimento, “[...]a retomada de investimentos, do fortalecimento do mercado e do comércio no local, da criação de empregos diretos ou indiretos, além do retorno de consumidores, visitantes, turistas e de moradores” (JOSÉ, 2010, s/n).

Mais recentemente, o bairro seguiu sendo alvo de políticas públicas de reestruturação urbana na perspectiva de um planejamento estratégico, de uma cidade competitiva na atração de investimentos, em que o turismo figura como um elemento de competitividade. Assim, a partir do projeto polos dos polos do Rio, especialmente, pelo polo Rio Antigo, a região vem recebendo incentivos para o desenvolvimento de eventos urbanos, tal como a feira do Lavradio, bem como serviços como o “Lapa Presente”, o que contribui para uma imagem mais segura e que ajuda na atração de turistas.

Assim, observa-se, desde o fim dos anos de 1980, e, com mais intensidade na contemporaneidade, a intencionalidade de trazer novamente a ideia dessa Lapa do passado, a fim de promover o bairro e criar uma identidade cultural para o lugar. “O poder de definir a identidade e de

marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.” (SILVA, 2000, p.80).

Portanto, o bairro se apresenta como um lugar que abriga muitas memórias, tanto imateriais, como sua relação com a música, a partir das serestas, das festas e do carnaval, como pode-se verificar na letra de “Lapa em Três Tempos”, além de outras, como as rodas de samba e choro, os encontros de artistas e poetas, quanto em seu sentido material, alguns se encontram categorizados como patrimônio tombado, como o mais famoso e emblemático monumento referencial do bairro, seus Arcos.

Os Arcos da Lapa ou Aqueduto Carioca foram tombados pelo IPHAN, em 1938, por apresentar um grande valor simbólico não apenas para o bairro, mas para a cidade do Rio de Janeiro, uma vez que desempenhou diversas funções e usos desde sua construção entre 1719 e 1725.

Construído durante o governo de Aires de Saldanha (1719 - 1725), o aqueduto (mais tarde conhecido como Arcos da Lapa) trazia a água das nascentes do rio da Carioca, ao longo das encostas da serra de Santa Teresa, até o Largo da Carioca. Para atravessar o vale existente entre os morros de Santa Teresa e de Santo Antônio, foi executada a obra arquitetônica mais notável do Brasil, no período colonial: uma construção ciclópica de alvenaria, com dupla arcada e considerável extensão. O aqueduto passou a ser usado como viaduto para os bondes do Birro de Santa Teresa. (IPHAN, 2019d).

Difícilmente, ao pensar na Lapa, a imagem dos Arcos não aparecerá, e, mesmo que não tenha sido explicitada, como no caso da canção “Lapa em Três Tempos” (1971), pode-se pensar sobre o prisma da memória contada, ou seja, quando se fala de tempos antigos ou, como aponta a letra, o período imperial, os Arcos se encontram nesse passado e permanecem no presente de uma forma ressignificada, assim como, o bairro, de maneira geral, e aspectos, aqui mencionados, tais como a música, a identidade boêmia, sua ideia de lugar de encontros e diversão.

Por outro lado, a canção “Eu Vou Pra Lapa” (2009) expõe os Arcos como uma espécie de “personagem” do bairro, já que é o monumento mais “famoso” e veiculado quando se trata da Lapa, presente em além de ser um patrimônio cultural tombado.

Ao pensarmos sobre patrimônio, podemos promover uma interação direta com o turismo, pois, além de fazer parte dos roteiros e da atividade turística como todo, os patrimônios culturais são importantes para a história, a memória e a identidade do lugar, nesse sentido, o turismo deve não apenas usufruir dos bens culturais, mas também participar na sua conservação.

Nesse sentido, temos a Carta de Turismo Cultural de 1976, criada pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), que propõe uma reflexão do turismo, enquanto atividade que engloba elementos e aspectos da cultura, além disso, promove diretrizes importantes para o desenvolvimento responsável do turismo acerca dos patrimônios.

O **turismo** é um feito social, humano, econômico e cultural irreversível. Sua influência no campo dos monumentos e sítios é particularmente importante e só pode aumentar, dados os conhecidos fatores de desenvolvimento de tal atividade (IPHAN, 2019a, p.01, grifo do autor).

A carta dialoga com o que observamos no bairro do Lapa, por tratar da conservação dos monumentos e sítios considerados como patrimônio, o “[...]ICOMOS tem como objetivo promover os meios para salvaguardar e garantir a conservação, realce e apreciação dos monumentos e sítios que constituem uma parte privilegiada do patrimônio da humanidade.” (IPHAN, 2019a, p.01). Sendo assim, a Carta corrobora que o turismo pode ser visto como uma atividade contribuinte para a conservação e propagação do patrimônio.

Ao lançar uma reflexão sobre memória, identidade, patrimônio e seu uso contemporâneo pelo turismo, pode-se, a partir das letras aqui analisadas, promover a interação entre Lapa, música, identidade e turismo. Podemos interpretar a partir de dois prismas, o primeiro pela importância da Lapa, enquanto “palco” para dois gêneros fundamentais para a cultura musical do Rio de Janeiro e do Brasil, de uma forma geral, o Choro e o Samba. Sobre esse aspecto, conforme Herschmann (2007, p. 47),

A ‘memória’ de atores sociais de peso, através de suas narrativas, foi tomada como ‘prova’ da importância desses dois gêneros musicais na cultura nacional. Evidentemente, a intensa articulação do Samba com o Choro no mercado é um fenômeno típico da Lapa, mas que – por sua importância simbólica, pelo apoio da crítica especializada e pela atuação das indies na promoção das músicas desse circuito – acaba tendo uma repercussão no imaginário social que vai além das fronteiras do Rio de Janeiro. A Lapa, em certo sentido, vem se convertendo em uma grande ‘vitrine’ nacional e até internacional para o samba e o choro.

Cabe destacar, que o Choro é registrado como Patrimônio Cultural Carioca sob o Decreto nº 35550, de 03 de maio de 2012, levando em consideração sua importância para a construção da identidade cultural e da memória do Rio de Janeiro e, também, do Brasil, tornando indispensável sua valorização e conservação, além disso, é considerado como um gênero musical “genuinamente” carioca, como aponta o decreto.

CONSIDERANDO a relevância do gênero musical denominado Choro, uma das primeiras manifestações musicais genuinamente carioca, para a evolução da música popular brasileira; CONSIDERANDO o valioso legado musical dos artistas que produziram canções que fazem parte da construção da identidade carioca e nacional; CONSIDERANDO a necessidade de preservar a memória intangível da cultura carioca através do registro de seus bens de natureza imaterial (RIO DE JANEIRO, 2012, p. 01)

O segundo prisma a ser abordado, volta-se à música, enquanto um dos principais atrativos à Lapa. Sua presença no bairro é perceptível, tanto por “acomodar” locais onde acontecem espetáculos voltados para a música, como o “Circo Voador”, um dos principais espaços para shows no Rio de Janeiro, e a “Fundição Progresso”, cuja fachada conservada e tombada definitivamente no ano de 1987, como patrimônio histórico do Estado do Rio de Janeiro pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), remete ao tempo em que funcionava uma importante fábrica de objetos de ferro, como fogões, até ser desativada na década de 1970.

A Fundição Progresso, em setembro de 2019, foi declarada como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro, por meio da lei no. 1216, reforçando sua importância não apenas do Rio de Janeiro, mas Estado e país como um todo, já que apresenta diversos artistas e diferentes expressões, além de sua arquitetura histórica.

[...] Seu funcionamento, história e capacidade de produção artística e socioambiental, é um modelo único e inspirador para todos os que passam, frequentam e convivem no local, e um irradiador de costumes e cultura no Estado do Rio de Janeiro e no país. (RIO DE JANEIRO, 2019).

Ainda pode se citar a Sala Cecília Meireles, homenagem a poeta brasileira, onde acontecem concertos de músicas, por seu valor histórico, também, tombada pelo INEPAC, no ano de 2006. Estes são apenas alguns exemplares de locais onde é possível apreciar e consumir música, dos mais variados gêneros, compondo uma variedade de atrações turísticas demandadas por visitantes.

Assim, percebe-se que as transformações do bairro geraram outros tipos de usos dos espaços e novos serviços, em especial voltado para à música e ao entretenimento.

Para Bartoly (2011, p.2)

[...] a Lapa apresenta-se como uma das principais opções de diversão para moradores e turistas na cidade do Rio de Janeiro. O tradicional bairro agrega em sua noite, especialmente nos fins de semana, um público cada vez maior, composto em sua maioria por jovens.

A Lapa nos proporciona um contato com a música não apenas em espaços destinados a esse fim, mas também em bares, restaurantes, já que muitos usam a música para compor os ambientes, apresentam música ao vivo, e mesmo, na rua onde há a possibilidade de ouvir música e ver performances de artistas, atendendo os diferentes gostos do público.

De acordo com Herschmann (2007, p.51)

Uma visita pelas principais casas de espetáculo do bairro, como por exemplo, Asa Branca, Circo Voador, Teatro Rival, Fundação Progresso e Estrela da Lapa revelará que a Lapa é território de vários grupos sociais: roqueiros, forrozeiros, b-boys (do hip-hop), os apreciadores da MPB e da música pop.

A Lapa de hoje apresenta novas construções, novas propostas de uso do espaço, mas que não “apagam” as referências passadas, muito pelo contrário, as reforçam. Isso se dá por meio da memória coletiva que, para Halbwachs (1990, p.88) “[...] apresenta ao grupo um quadro de si mesmo que, se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira ele se reconhece sempre dentro dessas imagens sucessivas”.

Ou seja, ao refletirmos sobre a história do bairro e elementos identificados, a partir das letras de música, percebemos que há interação com o passado, e que aspectos do “Rio antigo” se conservam por meio de suas construções e de histórias. Tais “resquícios” são e foram repassados, de maneira que, mesmo sem vivermos em determinadas épocas, conseguimos identificar, reconhecer e dar continuidade as características escolhidas para representar o bairro, tão difundidas e exploradas pelo turismo na contemporaneidade.

Com isso, podemos considerar a música elemento importante para a construção da identidade cultural e da memória do bairro e como atrativo para visitantes e turistas.

6.Considerações finais

A partir dos discussões aqui realizadas, a música se apresenta como potencial para travar discussões, reflexões e promover relações em diferentes contextos, uma delas a interação entre memória, identidade e bens culturais, elementos fundamentais para a construção de uma cultura, bem como a promoção turística de uma área e formação de, também, um imaginário turístico.

Sob o viés da música, a partir da letra selecionada para dialogar com o que se propôs o artigo, se fez possível compreender a música enquanto uma ferramenta pela qual pode se evocar memórias e exaltar as identidade do bairro da Lapa, mas, também, perceber a importância de conservar e proteger os bens culturais.

Os bens culturais tombados/registrados ou não, contribuem para a construção identitária do bairro, a conservação e propagação de suas memórias trazem como consequência sua continuidade. Por meio da letra, tem-se, em parte, alguns desses aspectos, a memória cantada a partir da origem do bairro, sua construção ainda no período imperial, sua mudança de bairro residencial para boêmio e como esses aspectos se relacionam com a Lapa atual, uma mescla do Rio de Janeiro antigo, mas com novas propostas

de visibilidade/ exploração turística e área de entretenimento e lazer, que ainda conservam seu espírito boêmio e a interação entre passado e presente.

7.Referência

ABREU, R. Memória social: itinerários poéticos-conceituais. In: DODEBEI, V.; FARIAS, F. R. de; GONDAR, J. (org). **Por que memória social?** 1ª. ed, Rio de Janeiro: Híbrida, 2016, p.41-66.

BARTOLY, F. S. Da Lapa boêmia à Lapa reificada como lugar do espetáculo: Uma análise de dois períodos da história da produção do lugar na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Geográfica de América Central**. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-13. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744820393.pdf>> Acesso em: 03 de outubro de 2019.

BOAS, V. P. V. **As Memórias e suas permanências na cidade:** A Lapa como estudo de caso, 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/22655439-As-memorias-e-suas-permanencias-na-cidade-a-lapa-como-estudo-de-caso-resumo.html>> Acesso em: 29 de abril de 2018.

CARDOSO, R. J. B. O Corredor cultural como espaço propulsor da revitalização do centro da cidade do Rio de Janeiro no período da redemocratização. **Confluências** - Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito - PPGSD-UFF, 2005. Disponível em: <<http://www.confluencias.uff.br/index.php/confluencias/article/viewFile/236/82>> . Acesso em: 26 de abril de 2018.

CASCO, A. C. A. J. **Os Arcos da Lapa:** um estudo de antropologia urbana. 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp038692.pdf>> Acesso em: 29 de abril de 2018.

CAVACO, A.; RUBENS. **Lapa em três tempos.** 1971. Disponível em: <<http://www.gresportela.org.br/Historia/DetalhesAno?ano=1971>> Acesso em 10 de março de 2019.

COSTA, P. C.; MENDONÇA, B. R. E.; MELLO, T. M. Lendo as apropriações subculturais na Lapa, Rio de Janeiro: um mapeamento crítico. In: **ENANPUR, 18.** São Paulo, 2017. Disponível em:

<<https://docplayer.com.br/49653174-Lendo-as-apropriacoes-subculturais-na-lapa-rio-de-janeiro-um-mapeamento-critico.html>> Acesso em 08 de março de 2019.

FONSECA, M. C. Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.59-80.

GILL, M. da P. C. de F. **As territorialidades de crianças e adolescentes nas ruas do Rio de Janeiro**. 2008. Disponível em: <http://www.bdtndc.uff.br/tde_arquivos/26/TDE-2009-04-29T122518Z-1928/Publico/2004%20D%20Maria%20da%20Penha%20Caetano%20de%20Figueiredo.pdf> Acesso em: 21 de abril de 2018.

GUIMARÃES, M. J. **Circo Voador**: a nave. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2013.

GUIMARÃES, C.; MERITI, S. **Eu vou pra Lapa**. 2009. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/alcione/1488854/>> Acesso em: 10 de maio de 2019.

HALBWACHS, M. **Memória coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

HERSCHMANN, M. **Lapa**: Cidade da Música. Ed. Mauad, 2007.

ICOMOS. **Declaração de Quebec**. 2008. Disponível em: <https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf> Acesso em: 07 de junho de 2019.

IPHAN. **Carta de turismo cultural**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Turismo%20Cultural%201976.pdf>> Acesso em: 03 de outubro de 2019a.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> Acesso em: 07 de junho de 2019b.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Samba do Rio de Janeiro é Patrimônio cultural do Brasil.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1941/samba-do-rio-de-janeiro-e-patrimonio-cultural-do-brasil>> Acesso em 03 de julho de 2019c.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Monumentos e espaços públicos tombados - Rio de Janeiro (RJ).** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1515/>> Acesso em: 05 de julho de 2019d.

JOSÉ, C. A. D. A revitalização cultural da Lapa - RJ: uma análise da (re)estruturação espacial. **Revista Geo-Paisagem** (online) Ano 9, n° 17, 2010. Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/Lapa.htm>>. Acesso em: 26 de abril de 2018.

MARTINS, G. R.; OLIVEIRA, M. P. de. O que está acontecendo com a Lapa? Transformações recentes de um espaço urbano na área central do Rio de Janeiro – Brasil. 2008. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/144.pdf>> Acesso em: 22 de abril de 2018.

MERRIAM, A. P. **The anthropology of music.** Evanston: Northwestern University Press, 1964.

NOGUEIRA, M. A. A música e o desenvolvimento da criança. **Revista da UFG**, v. 5, n. 2, dez 2003. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/infancia/G_musica.html>. Acesso em: 27 de maio de 2018.

ORTIZ, R. Cultura e Desenvolvimento. **Política Cultural em revista.** v.1, n.1, 2008, p.122-128. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3194/2304>>. Acesso em 14 de abril de 2019.

POLLAK, M. **Memória e identidade social.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

REILY, S. A música e a prática da memória: uma abordagem etnomusicológica. **Música e Cultura**, v.9, 2014. Disponível

em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4576280/mod_resource/content/1/A%20musica%20e%20a%20pr%C3%A1tica%20da%20mem%C3%B3ria_Reily.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

RIO DE JANEIRO. **Projeto de Lei Nº 1216/2019**. Ementa: Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro a Fundação de Arte Progresso. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1923.nsf/18c1dd68f96be3e7832566ec0018d833/9183c90b27c03f778325846b0064db67?OpenDocument>> Acesso em: 18 de outubro de 2019.

RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 35550 de 03 de maio de 2012**. Declara Patrimônio Cultural Carioca o Gênero Musical Denominado Choro. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4368015/4108332/19DECRETO35550GeneroMusicalDenominadoChoro.pdf>> Acesso em: 11 de abril de 2018.

SÁNCHEZ, F. A Reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escala de ação política. **Revista Sociol. Política**, Curitiba, 16, p. 31-49, jun. 2001.

SANT'ANNA, M. "A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização". In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP& A, 2003. p.49-59.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**. 2001. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf> Acesso em: 02 de julho de 2019.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial da UNESCO**. Paris, 2003. Disponível em: <<https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Brazil-PDF.pdf>> Acesso em: 02 de julho de 2019.